

CrossRef DOI of original article:

1 Love and Sexuality in the Brazilian Historical Past: From Law to  
 2 Social Praxis Amor e Sexualidade no Passado Histórico  
 3 Brasileiro: Da Lei À Práxis Social

4 Patrícia Margarida Farias Coelho

5 *Received: 1 January 1970 Accepted: 1 January 1970 Published: 1 January 1970*

6 

---

  
7 **Abstract**

8 Love and sexuality are analyzed in everyday experiences and in religious/secular discourses as  
 9 long-term power strategies in western patriarchy, seeking to verify the dialectic established  
 10 between legislation and social practices in Brazil. In the search for answers, the investigation  
 11 focuses on two complementary but distinct instances: the presence of ?love and sexuality? in  
 12 the collective imagination and how this imaginary, which circulates between us and around us,  
 13 interests power and institutions. It appears that the legal bases of western legislation and its  
 14 effects are structuring elements of prescribed or proscribed sexual behaviors, according to a  
 15 logic that opposes desires to duties, creating a ?pastoral of fear?.

16 

---

  
17 ***Index terms***— love and sexuality; social codes and practices; sin, guilt and fear; mensa et toro duties.

18 experiencias cotidianas y en los discursos religioso/ laico como estrategias de poder de largo plazo en el  
 19 patriarcado occidental, buscando verificar la dialéctica establecida entre la legislación y las prácticas sociales  
 20 en Brasil. En la búsqueda de respuestas, la investigación se centra en dos instancias complementarias pero  
 21 distintas: la presencia del "amor y la sexualidad" en el imaginario colectivo y cómo este imaginario, que circula  
 22 entre nosotros y alrededor nuestro, interesa al poder y las instituciones. Se verifica que las bases legales de la  
 23 legislación occidental y sus efectos son elementos estructurantes de las conductas sexuales prescritas o proscritas,  
 24 según una lógica que opone los deseos a los deberes, creando una "pastoral del miedo".

25 Palabras clave: amor y sexualidad; códigos y prácticas sociales; pecado, culpa y miedo; deberes de mensa et  
 26 toro.

27 **1 I.**

28 Introdução ste artigo atém-se a uma das dobras do imaginário social ligada ao sexo e ao amor e procura contribuir  
 29 para o esclarecimento de uma zona que já pertenceu ao silêncio cultural, mas que hoje ocupa a boca de cena do  
 30 discurso social. É uma fala cujos sentidos, multiformes e pluralistas, merecem ser desvelados, dado o cuidado  
 31 com que o passado produziu normas, pragmáticas, leis, conceitos e preconceitos sobre um tema considerado de  
 32 mixti fori -, subministrado pelo trono e altar, compreendendo o universo real e o mágico.

33 Na época atual, o acontecimento a investigar não é livremente escolhido pelo historiador, mas pela inflação  
 34 da informação, a multiplicação de perguntas, das próprias inquietações coletivas. O território da pesquisa é o  
 35 presente, com seus problemas, mas a explicação sobre os acontecimentos só pode se enraizar no passado, por meio  
 36 de uma operação destinada a decifrar todas as camadas sucessivas da realidade imediata. Camadas que aparecem  
 37 na intersecção inevitável do coletivo com o individual, de mulheres e grupos excluídos sobre os quais recaíram  
 38 castigos por comportamentos amorosos -morais e físicos -considerados como pecados contra Deus e o Estado. Os  
 39 sentimentos humanos sobre o amor e a sexualidade são estruturantes na cultura ocidental, marcada pela dialética  
 40 entre o desejo e o dever. O amor romântico é considerado por muitos historiadores como um fenômeno tardio,  
 41 consequente dos processos de industrialização e urbanização, da Europa do século XVIII.

42 Embora os sentimentos, com as emoções e os efeitos que desencadeiam, façam parte das preocupações humanas,  
 43 a sua história ainda é recente. Em contrapartida, é uma categoria que está na moda e se afirma autonomamente  
 44 a grandes temas de pesquisa: os sentimentos diante do nascimento, vida, doença e morte. Sentimentos se dobram

### 3 METODOLOGIA

---

45 com emoções, com virtudes, com defeitos. A história da ira, da inveja, das percepções, dos saberes e odores, do  
46 prazer e do sofrimento... A lista é inesgotável, pois os assuntos investigados conectam-se intimamente, exigindo  
47 uma análise que os ponha em rede. Além do que, têm sido e continuam a ser abordados por políticas de controle  
48 e de propaganda, que, por meio de uma axiologia drástica, dota-os de valores positivos ou negativos, de acordo  
49 com a lógica de certa sociedade, em certo tempo, refletida na ideologia de gênero binário e heterossexual.

50 Os modos de sentir são também prisioneiros de suas épocas. Em princípio, pertencem à história das  
51 mentalidades, ao tempo quase parado das estruturas. O século XVIII concedeu um lugar privilegiado à percepção,  
52 inventando um sistema educativo interessado na observação através dos sentidos, para chegar à formação das  
53 ideias. A sensibilidade não é vista somente como emoção terna e dolorosa, mas como a capacidade dada ao  
54 homem de receber impressões profundas de tudo aquilo que pode agir sobre ele. O homem sensível não é apenas  
55 aquele que se entenece: é quem recebe impressões de forma emocional. A mensagem do sofrimento redentor,  
56 o dolorismo, é reativado nas Luzes, quando "as lágrimas são as únicas verdades íntimas e os únicos efeitos do  
57 real que provam a todos a sua existência no sofrimento" (VINCENT- ??UFFAULT, 1988, pp. 20-21). Conceito  
58 remetido, no Romantismo, ao sofrimento no amor, o ideal hedonista oitocentista que evoluiu vertiginosamente,  
59 após a descoberta do subconsciente e do inconsciente, colocando em discussão a crença no racionalismo humano.  
60 A teoria de Freud, tendo por centro o complexo de Édipo e baseada no desejo e na repressão da sexualidade,  
61 provocou uma profunda mudança na concepção humanista do homem, conferindo novas cores à revolução de  
62 costumes dos Anos Loucos (1919-1919) e à Revolução sexual da década de 1960, marcada pela socialização do uso  
63 da pílula anticoncepcional. O "breve século XX" abrigou o movimento de emancipação feminina, provavelmente  
64 o maior acontecimento da contemporaneidade, uma vez que, ao separar a sexualidade da procriação, permitiu  
65 às mulheres um investimento mais profundo em sua luta pela igualdade com o "sexo forte". Em decorrência,  
66 o exercício da sexualidade escapou do monopólio da Igreja e do Estado, incorporando as vozes silenciadas do  
67 "sexo frágil" e dos grupos excluídos, integrados por todas as categorias não encaixadas no modelo prescrito ao  
68 casal heterossexual, unido pelos laços sagrados do matrimônio. A sexualidade reduziu-se à cópula reprodutiva  
69 de futuros operários e soldados, ao Trono; de almas, ao Altar, produzindo um discurso, a rigor, hagiográfico,  
70 debruçado sobre virtudes e pecados, interessado em normatizar o exercício de poderes e articular a ordem do  
71 parecer com a ordem do ser. Nos pedaços do imaginário que uma sociedade organiza sobre a sexualidade, ocorrem  
72 deslocamentos, novas peças são incluídas, com distâncias e comparações entre elas. Um dos fragmentos desse  
73 processo é investigado a seguir.

## 74 2 II.

### 75 3 Metodologia

76 Amor e sexualidade são termos de invulgar complexidade, uma vez que se apoiam em bases biológicas, materiais,  
77 espirituais, políticas, coletivas ou individuais. Trata-se de um caleidoscópio de alta complexidade, pelo qual  
78 é preciso circular, fazendo escolhas e recortes, com uma abordagem pluralista e multidimensional. Para esta  
79 reflexão, algumas obras estão selecionadas como fundamentais e os seus autores se fazem nossos interlocutores.  
80 Um deles é Wilhelm Reich, em seu comentário sobre a invasão da Abissínia pela Itália, quando milhares de  
81 pessoas indefesas foram trucidadas, fornecendo uma ideia das proporções do assassinato em massa que viria em  
82 caso de uma nova guerra mundial. O fato de a nação italiana, em que grande parte da população passava fome,  
83 ter seguido com fanatismo o chamado às armas, reforçou a crença geral de que alguns países são governados  
84 por indivíduos com sintomas de doença mental e de que os homens, em geral, participam de uma psicopatia ao  
85 adotar comportamentos conflitantes com os seus desejos e possibilidades reais. A raiz desse problema estaria  
86 na repressão da sexualidade, a energia vital produtiva. A fim de entender o motivo da repressão sobre a vida  
87 amorosa, Reich relaciona a vida mental humana e a ordem econômico-social em uma economia centrada na função  
88 sexual, declarando que esse processo já estaria detectado pela literatura e cinema, pois "noventa por cento de  
89 todos os romances, de toda a arte poética lírica, noventa e nove por cento de todos os filmes e peças de teatro  
90 são produções que apelam para necessidades sexuais não satisfeitas" ??REICH, 1966, p. 25).

91 Freud e Reich apresentam uma maneira de se utilizar da psicanálise em ciências sociais, evitando a ameaça  
92 de se transformarem conceitos psicanalíticos em figuras de estilo, criando nova retórica. O recurso à morte do  
93 pai, ao Édipo ou à transferência, pode servir para tudo e assim "não é difícil calcá-los sobre as regiões obscuras  
94 da história". Infelizmente, não passam de utensílios decorativos quando objetivam somente designar o que o  
95 historiador não compreende. Ao circunscrever o inexplicado, confessam uma ignorância, instalam-se onde uma  
96 explicação econômica deixa um "resto" (CERTEAU, 1982).

97 A contar da última década do século XX, muita gente se viu atraída pela história da sexualidade. Lucien  
98 Febvre pedia uma história do amor e Ariès interessouse pelo tema em Atitudes diante da Vida, um de seus  
99 primeiros livros. A demografia histórica foi considerada por Peter Leslett como o caminho que permitiria fazer a  
100 história da sexualidade e muitos demógrafos dedicaram-se a esse assunto, revelando elementos fundamentais da  
101 emancipação sexual relativa do século XVIII, época que registrou o aumento relativo dos nascimentos ilegítimos  
102 e das concepções pré-nupciais. Jean-Louis Flandrin, um dos maiores historiadores do sexo, produziu uma obra  
103 notável, conduzindo um combate corajoso sobre a vontade de saber sobre o tema. Nessa vertente, Michel  
104 Foucault analisa a proliferação de discursos e de modalidades sobre o corpo, cujas variantes -o corpo cósmico,  
105 social, individual ou sexuado -refletem as sucessivas pertinências utilizadas por uma sociedade para articular a

106 consciência sobre ela própria. O desejo de conhecer nos leva a procurar ler, por meio ou através das representações,  
107 o funcionamento, as leis e finalmente a própria realidade do corpo. Foucault toma um caminho inverso em A  
108 vontade de saber, fazendo do corpo um artefato ilegível, que permite produzir sempre mais discursos, vendo-o  
109 mais como uma oficina no discurso ocidental e isentando-se de pretender construir, a partir das representações,  
110 um discurso sobre o corpo que as produz. Um dos eixos de seu pensamento é dado pela autoafirmação da classe  
111 burguesa que se intitula como detentora de um sexo melhor que o dos outros, raciocínio que remete para a  
112 materialidade do real. Encontra-se em Foucault o cruzamento de duas teorias sobre o corpo, visto como condição  
113 ilegível das ficções e das ficções de per si ??FOUCAULT, 1985). Nessa linha, resta perguntar por que se produzem  
114 essas ficções.

115 O fio de Ariadne a nos conduzir pelo labirinto fascinante das concepções acima esquematizadas repousa em  
116 dois eixos: o primeiro consiste no estabelecimento do discurso do poder e da história desse discurso sobre os  
117 nossos corpos; o segundo, nos poderes desse discurso sobre as manifestações sensíveis do amor nas práticas  
118 sexuais, com o pressuposto de que essa investigação é um polo à volta do qual se estabelece o nosso mundo e a  
119 nossa vida se desenrola. Como força motriz, está o sentimento do medo, como o primeiro elemento da equação  
120 estruturante do Ocidente, de raízes judaicocristãs. A culpa é o elemento seguinte, acompanhada, inelutavelmente,  
121 pelo castigo. Em lugar de poetas românticos, de manuais de autoajuda ou de discursos bem-intencionados sobre  
122 a bondade dos sentimentos humanos, estaremos em companhia de Jean Delumeau, estudando o medo, o pecado  
123 e a culpa; de Michel Foucault, espreitando pelas janelas do crime e castigo -e por que não, da loucura? -; de  
124 Jean-Louis Flandrin, analisando o tempo de abraçar, e de tantos outros autores brilhantes que aplicaram o seu  
125 ofício à história das mentalidades. Teremos a companhia, também, dos donos dos poderes sagrados ou profanos,  
126 sempre interessados em subjugar desejos e emoções às suas estratégias de mando. Investigadores brasileiros  
127 seguem esse movimento, na trilha especial dos desvios às normas estabelecidas. A história do pecado se avoluma,  
128 deixando adivinhar as virtudes do sexo bem-comportado, as normas aconselhadas ao exercício da sexualidade.  
129 No painel planetário que se estabelece, projetam-se as cores vivas do primitivo e do civilizado, do mau e do bom  
130 comportamento. Projetam-se as identidades excluídas: mulheres, gays, hermafroditas, transexuais, impotentes,  
131 frígidos, estéreis. Multidão estigmatizada, impossibilitada de estender o conceito de cidadania ao exercício de uma  
132 sexualidade plena, sem culpa e sem medo. É a esta vastíssima coorte de identidades excluídas que se dirige este  
133 artigo, que busca escutar a natureza dessas identidades no passado brasileiro, na versão cadavérica da realidade  
134 social transmitida pelas leis.

135 O comparativismo entre amor e sexualidade no passado, engessado em normas binárias prescritivas de práticas  
136 heterossexuais, exercidas no casamento, e nos dias atuais que veem a marcha de grupos alternativos para  
137 o alcance da cidadania plena, comprova que os nossos ancestrais não estavam tão distantes de nós em seus  
138 desejos. Há, pois, analogias entre as duas épocas, colocadas ao lado das diferenças. Nesse cenário, somos mais  
139 impressionados pelas diferenças do que pelas analogias, pois são as variações que nos levam a nos indagar sobre  
140 a nossa identidade sexual, os nossos medos, as nossas aspirações ??DUBY, 1988). O medo ao outro é também o  
141 medo ao marginalizado. Na temática aqui tratada, as margens eram ocupadas pela pluralidade de pessoas que  
142 não podiam ou queriam se submeter às regras controladoras do exercício da sexualidade. O "outro", como a  
143 imagem especular de identidades socialmente sancionadas, permanecia inevitavelmente no mundo dos excluídos,  
144 por meio do medo de pecar e da impotência em constranger os apelos da carne aos limites do toro conjugal.

#### 145 4 III. A Doutrina do Amor e Sexualidade no Ocidente Cristão

146 Para compreender a atitude da Igreja quanto ao problema da sexualidade, é preciso refletir sobre a visão  
147 monista do sexo permitido apenas no âmbito e nos limites do casamento heterossexual, monogâmico e perene.  
148 O conjunto da doutrina a respeito do casamento prende-se fundamentalmente no controle de nascimentos, a ser  
149 considerado nas fronteiras do matrimônio. Nesse tema, faz-se necessário investigar de onde provêm os imperativos  
150 contraditórios de virgindade e de procriação, e de qual maneira, no bojo de qual contexto histórico e através de  
151 quais combates, essa contradição foi, por um tempo, resolvida.

152 Em *L'église et le contrôle des naissances*, Flandrin apresenta um painel sobre os principais acontecimentos  
153 relacionados à questão do controle de nascimentos no Ocidente, focalizando a presença da Igreja como preceptora  
154 principal de um tema que prendia a atenção dos donos do poder, pelas consequências sociais, políticas e  
155 econômicas nele implicadas (FLANDRIN, 1970).

156 Essa obra nos informa que, na baixa Idade Média, por volta do século XII, aparece o amor cortês, criando  
157 a teoria de um amor conjugal plenamente espiritual. No século XIII, São Tomás de Aquino reabilita o prazer  
158 encontrado no ato conjugal, que havia sido procrastinado anteriormente, iniciando o movimento de aceitação da  
159 busca de um "prazer moderado", como razão lícita do acoplamento conjugal. A doutrina dessa época registra  
160 ser lícito ao homem copular com sua mulher, para evitar cair em adultério. Também oferece para os pobres,  
161 sobrecarregados de crianças, a sugestão da "continência reservada".

162 No século XVI, o dever conjugal, isto é, os serviços de cama e mesa, sujeitavam-se a uma equação de créditos  
163 e débitos -tal qual uma bolsa de compensação -e a recusa ao dever conjugal para limitar o número de filhos  
164 é condenada. Nesse cenário, embora a procriação apareça como um dever conjugal, a sua recusa passa a ser  
165 considerada como um pecado venial, quando os esposos estivessem na impossibilidade de nutrir mais filhos do  
166 que aqueles que já sustentavam.

167 No século XVII, mais precisamente em 1602, surge a primeira justificativa dos beijos e abraços como

#### 4 III. A DOCTRINA DO AMOR E SEXUALIDADE NO OCIDENTE CRISTÃO

---

168 preliminares ou substitutivos ao coito, considerando que eles exprimiriam e reforçariam o amor conjugal, mesmo  
169 quando sob o risco de ejaculação.

170 Em 1798, Malthus publica *Um ensaio sobre o princípio da população*, obra que passou a nortear debates  
171 acalorados sobre o tema, a partir de então.

172 No século XIX, os Penitenciais deixam aparecer a dúvida sobre o caráter instrisecamente mal do onanismo,  
173 mas aconselham que não se devia interrogar os penitentes sobre esse tema (1842). Em 1851, o Santo Ofício,  
174 relembra que o ato de Onan, por ser contrário à lei natural, não poderia ser em caso algum autorizado. A mulher  
175 é condenada por "onanismo" se cooperasse, de qualquer forma, com o ato sexual, quando o marido usasse um  
176 preservativo. Os onanistas impenitentes deveriam ser aconselhados pelo confessor à continência periódica.

177 Em 1962) 1963) 1964) 1965) voltou a discutir as relações entre sexo e procriação, tendo sido nomeada  
178 uma comissão especial para cuidar do assunto, mas Paulo VI resolveu não tomar nenhuma decisão sobre os  
179 resultados conclusivos dessa comissão, que permaneceram secretos. Em 1968, houve a publicação da encíclica  
180 *Humanae Vitae*, reafirmando dados da doutrina tradicionais sobre a sexualidade no matrimônio. Na atualidade,  
181 a questão do controle de nascimentos é posta com urgência a uma humanidade em vias de vencer a mortalidade  
182 infantil, as epidemias e as fomes. E também a uma igreja que deseja assumir sua parte de responsabilidades deste  
183 mundo. Antes do século XIX e depois do início do Cristianismo, o problema era outro: conciliar casamento e  
184 castidade, justificar o casamento, porém, mantendo a preeminência do estado virginal. A contradição maior não  
185 era, como hoje, entre uma doutrina intangível e a sobrevivência da humanidade, mas aparentemente, tratava-se  
186 de uma discussão que se dava no seio próprio da doutrina (FLANDRIN, 1970).

187 A cronologia da doutrina eclesiástica sobre o controle de nascimentos, levantada por Flandrin, abarca o  
188 período de 81 a.C. a 1968 d.C., balizado pelos registros de posturas legislativas/judiciárias que podem lançar  
189 luzes a respeito do amadurecimento da reflexão sobre a sexualidade, esclarecimento marcado por dubiedades  
190 e desencontros, mas que incidia pesadamente sobre os comportamentos dos fiéis. A primeira data refere-se às  
191 leis de Sila contra os Veneficii (envenenamentos), tocantes ao celibato e à esterilidade dos romanos de grandes  
192 famílias, incluindo o uso de poções que provocavam o infanticídio, dos já nascidos e daqueles por nascer. O  
193 último registro concerne ao ano de 1968, com a publicação da encíclica *Humanae Vitae*. Em 108 registros,  
194 comparece um conjunto multifacetado de documentos (cânones, leis, decretos, confissões, pastorais, cartas,  
195 epístolas, apologéticas, vulgatas, pregações, conselhos, considerações, homilias, penitenciais), cuidando de uma  
196 problemática recorrente, exposta em antinomias sobre objetivos sexuais legítimos ou ilegítimos. De modo geral,  
197 visa-se ao casal heterossexual, baseado na instituição divina do matrimônio. O sexo exercido fora do casamento  
198 ou por modalidades não sancionadas é nomeado, indistintamente, como pecado, vício ou crime. O ator dessas  
199 práticas sujeita-se a penalidades severas, chegando à morte pelo fogo no caso de homossexuais masculinos ou  
200 femininos -os sodomitas -, em princípio, raramente citados por um discurso destinado aos "filhos da Igreja", isto  
201 é, aos seus "fregueses".

202 Os acontecimentos principais desses dois milênios de interpretações começam com o nascimento de Cristo. No  
203 cenário da Era Cristã, o tema da sexualidade é tratado por uma política de procriação, com temas decorrentes  
204 (celibatarismo, contracepção, castidade, virgindade, continência, gravidez, infanticídio, aborto, concupiscência,  
205 luxúria, onanismo, sodomia, "práticas vergonhosas", prostituição). Sobre esses assuntos constroi-se um discurso  
206 de medo e de culpa, balizado por acontecimentos específicos: conversões de apóstolos -São Pedro, São Paulo -,  
207 vitória do Cristianismo contra o Paganismo no Império Romano, condenação de heréticos -agnósticos, macabeus,  
208 filisteus, cátaros, albigenses -por ações sexuais reprovadas pela doutrina eclesiástica, presente nos textos dos  
209 doutores Agostinho, Tomás de Aquino, Bernardo e dos evangelistas Marcos, Mateus, Lucas.

210 O segundo quartel do século XII marca o surgimento do amor cortês, que enaltece a donzela pura e virginal,  
211 posta no centro de um ritual amoroso por seus pretendentes -cavaleiros transmutados em vassallos. Por volta de  
212 1130, configura-se a teoria do amor conjugal puramente espiritual, feito à moda de José e Maria, que se defronta  
213 com o dilema de estender o ideal de castidade ao matrimônio, contrariando a sua destinação reprodutiva. Na  
214 segunda metade do século XII, é proposta a conjunção reservada para satisfazer ao dever conjugal, sem ser poluída  
215 pelo prazer. Entre 1215 e 1226, as cruzadas contra os albigenses suscitam intensas discussões sobre o papel da  
216 sexualidade na identidade e destinos dos cristãos. A intensa luta contra o paganismo e as heresias concentra a  
217 atenção dos legisladores cristãos, católicos ou reformados, na Idade Moderna, com a atuação de inquisidores que  
218 reforçam a condenação dos "pecados da carne", qualificando-os como diabólicos. A contemporaneidade assistiu  
219 às descobertas de Ogino-Knaus (1924), permitindo maior eficácia antinatalista ao "sexo reservado" anterior.  
220 Um ano depois, Von Hildebrand recusa a visão puramente biológica do ato conjugal, afirmando que seu sentido  
221 para o homem é o cumprimento do amor conjugal. Em 1935, Hebert Doms publica *Do sentido e do fim do*  
222 *casamento*, propondo uma doutrina nova do matrimônio, baseada no amor conjugal. Em outubro de 1951, Pio  
223 XII considera "natural" a procura de amor pelos cônjuges no leito matrimonial e proclama que o método da  
224 continência periódica é permitido a todos os casais que tivessem razões sérias para temer uma nova gravidez.  
225 Nessa fala, Pio XII se utiliza da expressão "regulação dos nascimentos". Em 1953, é concluída a invenção da  
226 pílula de progesterona e, dois anos depois, é experimentada, com sucesso e em grande escala, em Porto Rico,  
227 vindo a fornecer a base técnica para as grandes mudanças comportamentais das décadas seguintes, concentradas  
228 na liberdade sexual feminina (FLANDRIN, 1970).

---

## 229 5 a) A dialética entre o medo e a culpa: pecado, vício e crime

230 A gula e a luxúria, embora não marcassem presença nos primeiros lugares do septenário oficial, ocuparam as  
231 maiores preocupações e os maiores espaços do sermônário sobre culpa e castigo no Ocidente. Aliás, a longa  
232 estrutura das sanções aplicadas ao sexo e aos alimentos comprova-se no fato de os maiores interditos da espécie  
233 humana se aplicarem a eles, como os tabus da antropofagia e do incesto. As duas quaresmas da tradição cristã,  
234 a do Advento e a da Morte, proibiam a ingestão da carne vermelha e os atos sexuais. A homologia do significado  
235 popular do verbo "comer", aplicado à fome e ao sexo, reproduz o interdito eclesiástico na vida humana: "as  
236 bênçãos nupciais são proibidas desde a 1.<sup>a</sup> Dominga do Advento (20 de Novembro) até o dia de Reis inclusive,  
237 e desde quarta-feira de Cinzas até a Dominga 'in Albis', inclusive (24 de Abril) " (LISBOA, 1881, verbete  
238 "Nupcias").

239 Nos sentidos latos de pecados decorrentes do uso indevido da carne e do sexo, ficava difícil discernir as fronteiras  
240 entre as ações virtuosas, que garantiriam o necessário à vida e sua conservação, e o espaço ocupado pelo pecado do  
241 exagero, da exorbitância em consumir, pelo mero prazer. Quando a gula ou a luxúria viriam, como criaturas de  
242 Satanás, a perturbar a obra divina, do comer para o sustento do corpo e das cópulas essenciais para a reprodução  
243 de corpos para o Estado e de fiéis para a Igreja? Os conselhos aos fiéis é que vencessem em primeiro lugar a  
244 gulodice e a luxúria, para depois atacar de modo gradativo e por ordem de dificuldade crescente, os vícios mais  
245 resistentes. Mas no início dos tempos modernos, a luxúria revestiu-se de uma gravidade que contradizia a sua  
246 colocação no final da lista. Um dos penitenciais anônimos dos anos 1490 consigna que a fornicção era mais  
247 detestável do que o homicídio e o pecado mais repugnante a Cristo.

248 A lógica estrita da necessidade de povoar o mundo não se apresenta incólume a uma investigação cuidadosa.  
249 De fato, já por volta do ano 200, Tertuliano afirma que a Terra estava sobrepovoada, fornecendo argumento  
250 a uma posição antinatalista de algumas seitas/filosofias heréticas e colidindo com a proibição do uso de drogas  
251 contraceptivas, considerada como um assassinato dos não nascidos. Ainda na base dos quiproquós, no ano 300, os  
252 sodomitas são identificados como parricidas. Duzentos anos mais tarde, o pai de família perde o seu direito de vida  
253 e morte sobre seus filhos. Nesse mesmo século, o perigo de superpopulação é apontado por São Jerônimo, quando  
254 denuncia as práticas contraceptivas das jovens da sociedade católica de Roma. De forma paradoxal, entretanto,  
255 analisa a história de Onan como prática contraceptiva, tornando o onanismo, isto é, o coito interrompido, num  
256 pecado nefando (384 d.C.).

257 No ano 390, um decreto de Valentiano condena os sodomitas ao fogo. A contracepção se transforma num  
258 crime "pior que a morte". No fim do século IV, Santo Agostinho estigmatiza os procedimentos contraceptivos e  
259 a continência periódica dos maniqueus, desenvolvendo sua teoria do casamento em sua obra *De bono conjugali*.  
260 Em 418, Santo Agostinho escreve sobre as núpcias e a concupiscência. Entre 590 e 604, o Papa Gregório o  
261 Grande afirma que o prazer conjugal era inevitavelmente sujo, mesmo quando os conjuges se unissem com o  
262 fim de procriar. Do século VI ao XI, os Penitenciais inauguram a sua idade de longa duração, apontando as  
263 penitências que deveriam ser dadas pelos confessores aos penitentes arrependidos, a fim de serem absolvidos de  
264 seus pecados.

265 São Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios (aproximadamente, em 56 d.C) adverte contra o incesto e a  
266 impudícia e reprova as relações com prostitutas. Mas, o mesmo diploma aconselha o casamento como remédio  
267 contra a fornicção e considera como incontornável a "dívida" carnal, advertindo que a liberdade dada pela lei  
268 bíblica não pode se transformar num pretexto para satisfazer a carne. O apóstolo também condena os fármacos  
269 e, em sua Carta aos Romanos, estigmatiza os costumes "contra a natureza" dos pagãos. Em uma epístola aos  
270 Efesos, Paulo traça um paralelo entre o amor conjugal e o amor de Cristo por sua Igreja (62 d.C). Nesses primeiros  
271 documentos, aparece a oposição dialética entre corpo e espírito, recorrente em séculos na doutrina cristã.

272 Em sua longa trajetória, o casamento se afirmou como instituição divina, colocado em oposição ao sexo  
273 praticado fora do casamento ou à continência voluntária, que viria a contrariar os princípios bíblicos do Antigo  
274 Testamento, expressos no "crescei e multiplicai-vos", mandamento emitido após a ocorrência das duas catástrofes  
275 bíblicas primordiais: a Queda e o Dilúvio. Nesse âmbito, aparece já a exaltação da Virgindade de Maria e os  
276 crimes de luxúria, incluindo entre as práticas vergonhosas "aqueles que concebiam com a boca", certamente  
277 numa expressão que remetia ao sexo oral (por volta do ano 130). De modo geral, essas práticas são interditadas  
278 por eliminar ou desperdiçar a semente (o sêmen). Aconselham-se castigos autoinfligidos para que os jovens  
279 escapassem à concupiscência. O onanismo, o "pecado nefando", concentra boa parte das preocupações dessa  
280 literatura, merecendo um tratamento mais detalhado. A história bíblica é reproduzida compulsivamente nos  
281 sermônários ocidentais, lembrando a obediência de Onan a seu pai, Judá, que lhe ordena seguir a regra do  
282 levirato, casando-se com Tamar, a viúva de seu irmão mais velho, Er, que fora morto por Deus. O casamento foi  
283 efetuado, porém Onan se esquivou da consequência de seu enlace físico com a nova esposa -garantir a descendência  
284 ao irmão defunto -, uma vez que qualquer filho nascido de Tamar seria o herdeiro de Er, com o direito de reivindicar  
285 o dobro da herança, como primogênito. Se não houvesse descendência macha de Er, Onan teria herdado como o  
286 filho mais velho sobrevivente. Nessas circunstâncias, a fim de defender seus interesses, ao fazer sexo com a viúva de  
287 seu irmão, Onan "derramou sua semente no chão", e como castigo foi morto por Deus. A implicação da narrativa  
288 é que o ato de Onan deu origem ao descontentamento divino, mas não está claro se seu mau comportamento  
289 indicasse a recusa de cumprir a obrigação de levirato, contrariando a norma de dar continuidade ao nome de  
290 seu irmão e aos direitos do clã, ou se referisse ao ato de "espalhar sementes em vão", ou até mesmo em fazer  
291 sexo com Tamar (que normalmente seria proibida para ele, por ser sua cunhada). Visões primitivas judaicas,

## 6 B) SEXO E AMOR NO PASSADO HISTÓRICO BRASILEIRO: O COMBATE ENTRE O DESEJO E O DEVER

---

292 expressas no Talmud, consideram que a imposição da pena de morte se originou desse fato. Não obstante, os  
293 regulamentos levíticos a respeito da ejaculação, vista ou não como onanismo, prescrevem somente uma lavagem  
294 ritual, prevendo que o homem permaneça ritualmente impuro, até o dia ou a noite seguinte à ejaculação em  
295 vaso inidôneo. Alguns críticos consideram que a história de Onan é um mito de origem sobre a constituição da  
296 tribo de Judá, no qual a morte de Onan representaria a morte de um clã. Er e Onan seriam os representantes  
297 de clãs respectivos. Ademais, essa interpretação sugere que a ira de Deus não se dirigia ao ato sexual, mas à  
298 desobediência de Onan ao se recusar a engravidar a viúva de seu irmão. Estudos divergentes contestam tal versão:  
299 segundo eles, a punição a Onan resultou de um ato sexual pervertido, por desperdiçar sua semente no chão e  
300 pela sua recusa de fornecer um herdeiro a seu irmão defunto. Aqueles que seguissem Onan quebrariam "o vínculo  
301 social com suas 'mãos criminosas', desperdiçando o precioso fluido que havia sido projetado para perpetuar a  
302 raça humana" (WIKIPÉDIA, 17/6/2021).

303 Em seu Comentário sobre o Gênesis, João Calvino refere-se ao pecado de Onan, identificando-o como  
304 masturbação e pontificando que "o derramamento voluntário de sêmen fora da relação sexual entre um homem  
305 e uma mulher é uma coisa monstruosa", além de ser duplamente monstruoso retirar-se deliberadamente do coito  
306 para que o sêmen possa cair no chão. Nessa vertente, John Wesley, fundador do Metodismo, em suas Reflexões  
307 sobre o pecado de Onan, de 1767, considera que "qualquer desperdício de sêmen em um ato sexual improdutivo,  
308 seja na forma de masturbação ou coito interrompido, como no caso de Onan, destruiu as almas dos indivíduos  
309 que o praticam". As ideias de Wesley alertam sobre "os perigos da autopoluição" e os efeitos físicos e mentais da  
310 masturbação, descrevendo casos de doenças e recomendando terapias. Apesar de a "transgressão" de Onan não  
311 envolver a masturbação, os teólogos encontraram "um elemento comum" no coito interrompido/onanismo e no  
312 gozo solitário, assim como em relações anais e outras modalidades de sexo praticado fora da vagina ou do toro  
313 conjugal. Assim, onanismo adquiriu o significado de masturbação, em muitas línguas modernas, com fundamento  
314 na interpretação da narrativa bíblica de Onan (WIKIPÉDIA, 17/6/2021).

### 315 6 b) Sexo e amor no passado histórico brasileiro: o combate 316 entre o desejo e o dever

317 O estatuto do amor na era colonial, revelado pelos documentos, estava preso aos dois arquétipos de sexualidade  
318 então vigentes: o amor casto de esposas e o amor-paixão realizado fora do casamento. As mulheres mais estimam  
319 do que amam seus maridos, e como todas as mulheres honradas, devem servir, amar e obedecer os cônjuges.  
320 Estes, por sua vez, deveriam honrar, alimentar e estimar suas mulheres, como bons católicos. O companheirismo,  
321 baseado na estima e concórdia mútuas, é o sentimento aconselhado aos esposos, porque os "casamentos de amor"  
322 arriscavam subverter a ordem social, pois "a função principal do matrimônio era a de estabelecer alianças entre  
323 famílias e assegurar a transmissão do patrimônio" (FLANDRIN, 1981, p. 9).

324 As fontes literárias confirmam tal postura, tanto em Portugal, quanto no Brasil. As obras de Gil Vicente e  
325 de Gregório de Matos, por exemplo, tratam de casamentos ou duplas amorosas mal sucedidas, como resultado  
326 de equívocos ocorridos na escolha do par. As narrativas farsescas aludem a medianeiros e jogos de interesses nos  
327 negócios do amor, além de maridos traídos, delitos e punições. Canções e provérbios populares são outras fontes  
328 que permitem o acesso à estética e sabedoria folclóricas sobre sentimentos e amor. As tramas narrativas tratam  
329 de temas mais ou menos gerais: o princípio da homogamia, o respeito às distâncias sociais e o ceticismo sobre  
330 o amor no casamento, reproduzindo o androcentrismo rude, que reproduzia, nas fronteiras do lar, a rudeza da  
331 sociedade envolvente. No Brasil, os papéis sociais elencados para o exercício do poder na família agravavam-se  
332 pela exigência de se manter o domínio do colonizador sobre os colonizados, do branco sobre a "gente de cor".  
333 Os documentos contam que os maridos eram os maiores violadores dessa regra, por ausências contumazes da  
334 casa, pela sonegação de roupas e alimentos à mulher e filhos. As devassas e róis de desobriga registram inúmeras  
335 denúncias de abandono do lar atalhado por ações corretivas: admoestações, excomunhões, penas pecuniárias  
336 e de prisão. Os sacerdotes recusavam a desobriga da quaresma àqueles que se furtassem ao dever conjugal de  
337 coabitação ??CAMPOS, 2003, p. 42).

338 Ao inquirir sobre sexo e amor no passado brasileiro, faz-se preciso levar em consideração a presença de escravos,  
339 radicalizando o poder do mais forte sobre o mais fraco e a prevalência de poderes locais sobre os metropolitanos  
340 e fortalecendo o mando marital na escala privada, como um clássico pater familias. Essas circunstâncias  
341 agravavam a posição subalterna da mulher, equiparando-a à das escravas, e facilitava os atentados à ordem  
342 matrimonial. As servícias, como a outra face dos gestos amorosos, aplicadas pelos homens em suas mulheres,  
343 são fortemente marcadas por elementos sado-masochistas, como Gilberto Freyre apontou nas casas-grandes dos  
344 engenhos nordestinos:

345 Nas condições econômicas e sociais favoráveis ao masoquismo e ao sadismo criadas pela colonização portuguesa  
346 -colonização, a princípio de homens quase sem mulher -e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil;  
347 na divisão da sociedade em senhores todo-poderosos e em escravos passivos é que se devem procurar as causas  
348 principais do abuso de negras por brancos, através de formas sadistas de amor que tanto se acentuavam entre  
349 nós; e em geral atribuídas à luxúria africana (FREYRE, 1961, p. 449).

350 Herdada da Europa, por via lusitana, a fé conjugal manifestava-se pelo respeito ao princípio de coabitação.  
351 Coabitação de mesa e tálamo. Dever sacramental defendido pelas Constituições Primeiras do Arcebispo da  
352 Bahia, que ordenam que "todos nossos súditos façam vida marital com suas mulheres, e a elas que acompanhem

353 a seus maridos, como são obrigadas, aos lugares aonde com decência com eles puderem viver”. Tornados “uma  
354 só carne”, o casal submetia a unidade de existência adquirida aos princípios da monogamia, indissolubilidade,  
355 honestidade e fidelidade recíproca dos dois cônjuges na coabitação, exigidos para se alcançar a excelência do  
356 matrimônio: a “geração dos filhos e a fé recíproca da castidade dos esposos” (CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS  
357 DO ARCEBISPADO DA BAHIA, 1853, parágrafo 301, p. 14). A poligamia era repugnada para os fins do  
358 matrimônio, uma vez que “a experiência mostra, que as mulheres conhecidas por muitos homens não produzem;  
359 e quando produzam, são filhos de pais incertos, vacilando por este modo a obrigação da educação; a poliandria  
360 pois opõe-se à lei natural” (ARAÚJO, 1853, pp. 27-28). A condenação é sublinhada em tratados de direito  
361 canônico, com a observação de que não constituía um obstáculo para os “fins primários” do casamento, “porque a  
362 experiência mostra, que um só homem pode fecundar a muitas mulheres, e cuidar da educação de muitos filhos”.  
363 Marido e mulher obrigavam-se ao débito conjugal, circunscrito nas razões legítimas para as relações sexuais, dever  
364 incontornável e dilemático, pois, ao mesmo tempo em que a postura tridentina privilegiava o estado da castidade  
365 e o exemplo dado por São José e Maria Santíssima, os casais castos não cumpriram os fins precípuos do próprio  
366 matrimônio, isto é, a geração da prole, a bonum prolis (SEIXAS, 1880).

367 A posição da igreja sobre o dever de tálamo é esclarecida em algumas obras intituladas Casos de consciência,  
368 que funcionavam como manuais de confessores. O capítulo referente ao tálamo -“Casos sobre a direção dos  
369 cônjuges ou principalmente acerca do débito conjugal e o seu abuso ou onanismo” -, arrola diversos fatos que  
370 poderiam ser trazidos à apreciação do confessor e aconselha condutas a adotar. Embora os casos narrados sejam  
371 fictícios, a própria destinação da obra exigiria que se baseassem em fatos reais. Deixando de lado os enfeites  
372 retóricos, o didatismo e a complexização dos problemas, a ficção transmite versões possíveis de sentimentos e  
373 práticas sexuais registradas por essa imprescindível fonte histórica.

374 Normas mergulhadas na noite dos tempos fundamentam razões para a sonegação do débito em São Paulo. Um  
375 réu que não consumara o casamento, declara a uma testemunha que “se queria casar para fazer uma vida casta  
376 [...]” e “por sua morte havia de deixar sua mulher na forma, que a recebia”, uma vez que desejava “viver como  
377 São José tinha vivido com Nossa Senhora” (PROCESSO DE NULIDADE MATRIMONIAL, 1824, fls. 5-5v).

378 Os diretores de consciência são concitados a interrogar sobre a licitude das posições diversas durante o ato  
379 sexual, considerando como “natural” apenas uma: o homem acima da mulher alongada de costas. Mas seria  
380 lícito, quando os órgãos sexuais dos parceiros estivessem unidos, adotar outras posições? A resposta em geral era  
381 rigorista, pendendo para a negativa, sobretudo quando as relações fossem realizadas à moda dos animais, tendo  
382 por objetivo a busca do prazer e não obstáculos oriundos da gravidez da mulher ou de enfermidades diversas  
383 (DELUMEAU, 1983). A refinação doutrinária era alheia aos versos profanos, como no caso de Gregório de  
384 Matos, ao trazer uma das raras descrições do ato sexual, nas paragens setecentistas do Brasil: Os documentos  
385 paulistas mencionam explicitamente apenas a chamada posição “a tergo” e atos sodomitas, como crimes contra  
386 a natureza, cometidos pelos moradores da capitania. A condenação dessas técnicas podia provocar dissensões  
387 entre casais, com mulheres acusando seus maridos de quererem copular com elas “como animal” (PROCESSO  
388 DE DIVÁ? “RCIO, 1821, fl. 11v).

389 Aliás, a sodomia, o “pecado nefando” dos autos da Inquisição, deveria ser bastante popular no Brasil. Gilberto  
390 Freyre diz que até europeus de nome ilustre figuram como sodomitas em processos da Visitação do Santo Ofício  
391 às partes do Brasil. Opinião estatisticamente corroborada por Sônia Aparecida de Siqueira: em 283 culpas  
392 confessadas nas duas visitas realizadas na Bahia, em 1591 e 1620, figuram 44 atos de sodomia, quantia que só  
393 perde para as blasfêmias, em número de 68. É significativo que entre as culpas sexuais, apareçam, ao lado das  
394 práticas sodomitas, apenas uma de bestialidade e outra de molície (SIQUEIRA, 1978). A “tropicalização das  
395 consciências” acentuaria hábitos sodomitas, protegidos pela distância da metrópole e pela tolerância maior às  
396 transgressões no meio colonial, como expressa Gregório de Matos, no seio do anticlericalismo radical que marcou  
397 parte de seus versos barrocos: um sodomita, vigário geral, mantinha filhos e criados “aferrolhados para o pecado  
398 Mortal”. Os parceiros dos sodomitas eram chamados de “ductos” ou “condutos”, comprados “com um vintém de  
399 bananas, e de farinha dois punhos” (GREGÃO? “RIO DE MATOS, v. II, p. 278).

400 Um pecado da carne, “molície”, nos documentos do passado brasileiro, aparenta indicar práticas homossexuais,  
401 mas é um pecado que resta definir, embora aponte, em princípio, para um termo que abarcasse práticas solitárias  
402 (FLANDRIN, 1981).

403 A percepção de não existir pecado do lado de baixo do Equador, corrente na Europa seiscentista, adquiriu  
404 contornos sociológicos nas penas de Gilberto Freyre (FREYRE, 1961) e de Paulo Prado (PRADO, 1997) autores  
405 que reproduziam o pensamento sobre o caráter estruturante da luxúria e da libidinagem em nossa sociedade,  
406 transmitindo a visão estereotipada sobre o Brasil Colônia de cronistas e jesuítas, incansáveis em apontar a  
407 dissolução de costumes nas terras brasis. A literatura de viagem, dos cronistas e dos missionários associa o  
408 selvagem à palavra sedutora, produzindo o selvagem como “corpo de prazer”. A erotização do corpo do outro e  
409 da voz selvagem acompanha de perto a formação de uma ética da produção. A erotização da palavra une-se à  
410 imagem do outro, fazendo da sociedade selvagem um corpo de festa e um objeto de prazer. Uma série de oposições  
411 estáveis mantém ao longo das narrativas dos primeiros séculos da colonização a distinção entre o selvagem e o  
412 civilizado. Como personagem, o selvagem surge como a imagem invertida do trabalhador, representando uma  
413 outra economia, diferente da do trabalho, fazendo retornar, sob forma estética e erótica, os elementos que a  
414 economia de produção teve que recalcar para se constituir. O desejo aparece como o reverso da lei (CERTEAU,  
415 1982).

## 8 CONCLUSÃO

---

416 O medo do inferno, propagado por sermões contínuos, poderia estar na base da visão coletiva sobre o pecado,  
417 com as denúncias sobre os fornicários, alvos da Inquisição em suas visitas programadas à Colônia, em seu empenho  
418 central de descobrir cristãos-novos ou infiéis de toda natureza, mas, também, em policiar costumes da população.  
419 Nas denúncias e confissões, há uma sexualização das imagens divinas, atingindo mesmo a Cristo e a Virgem  
420 Maria. A fé misturava-se ao desejo, produzindo a figura do Cristo fálico da imaginação coletiva daquela época.  
421 Ao sexualizar o divino, não é surpresa que divinizassem suas práticas sexuais, fazendo com que a linguagem da  
422 sedução caminhasse entre o Cristo fálico e a Virgem fêmea, povoada por santos diversos, por Deus e pelo Diabo.  
423 No universo de saberes e magias sexuais, vigorava a quase absoluta separação entre machos e fêmeas, e é preciso  
424 que o pecado não transcorresse livre, caminhando par a par com o medo à inculpação em vida e no pós-morte  
425 ??VAINFAS, 2003).

426 A Igreja, num processo provavelmente de mão dupla, moldava e amoldava-se à cultura secular, avaliando o amor  
427 físico, que não visasse precipuamente à geração, como fornicação. A realização da sexualidade era tributária, por  
428 consequente, de valores codificados, pelos quais se proibiam determinadas modalidades eróticas na vida íntima  
429 do casal. Mesmo que esses valores não fossem mantidos na prática social - e os documentos mostram que em  
430 muitos casos não o eram - teriam, certamente, uma ação inibidora da libido conjugal. Assim é que vemos "casos  
431 de consciência versando sobre a licitude ou não de práticas sexuais entre esposos". Numa obra dedicada a tais  
432 fatos, uma penitente inquieta-se sobre a prestação do débito conjugal, por ter prometido "guardar castidade  
433 matrimonial, o mais perfeitamente que pudesse ser, sem lesar os direitos do marido". Assim, procura saber se  
434 pode acariciar o marido, dando-lhe dessa forma ocasião de pedir o débito. A resposta esclarece muito sobre o  
435 comportamento sexual que se esperava dos bons católicos: honesto, manifestando sinais convenientes de amizade,  
436 e acariciando seus maridos para lhes mostrar a sua afeição. À mulher honesta, carinhos honestos. A Igreja  
437 ocupa um lugar privilegiado num sistema tão adequado para canalizar os impulsos de um sexo mortificado e as  
438 irritações de desejos que não podem ser satisfazer. De um ponto a outro, a Igreja toma a iniciativa do processo de  
439 culpabilização, impondo-se como mediador ideológico de um fenômeno que se apresenta com profundas rupturas  
440 de estilo de um período outro (DARMON, 1979).

441 O estudo do pecado no passado brasileiro implica um conjunto específico de conceitos: aqueles relacionados à  
442 "informação social", isto é, à informação que o indivíduo transmitia sobre si, e à informação que a Igreja, como  
443 agente social, transmitia sobre os indivíduos. Dois níveis de informação unidos num único quadro conceptual: do  
444 grupo social diretamente sobre si e da Igreja sobre o grupo social. O primeiro pode ser auferido de depoimentos dos  
445 próprios autores: de relance, nos róis de desobriga da Quaresma; mais circunstanciadamente, em obras profanas,  
446 tais como as literárias. O segundo nível constitui a "pastoral do medo", analisada por Delumeau no mundo  
447 ocidental, e presente, em cores conferidas pela presença de índios ("os negros da terra") e afrobrasileiros, escravos  
448 ou forros, postos à disposição da libido dos brancos. Nesse campo, persiste a dúvida a respeito de uma possível  
449 importância exagerada, dada pelos historiadores, à repercussão do discurso do pecado na rotina social, uma vez  
450 que se constata uma profunda distância sobre o agir e o dizer na vida cotidiana. A frequência de pecadores na  
451 sociedade ocidental põe em discussão a eficácia do gigantesco esforço dos cristianizadores modernos para fazer  
452 entrar nos costumes, a golpes de sermões, proibições e ameaças, um outro modelo de vida sexual: o único que  
453 eles julgavam tolerável em países da cristandade (DELUMEAU, 1978).

454 Os crimes mais denunciados no Brasil referiam-se a adultério, bigamia, alcovitice, molície, além de "casos  
455 reservados", isto é, aqueles referentes a pecados cuja absolvição competia apenas ao bispo. Uma vez que as  
456 fontes registram fornicadores e adúlteros ordinariamente, é provável que a categoria dos reservados abrangesse  
457 pecados "contra a natureza"-sodomia, homossexualismo, bestialismo ou práticas contraceptivas violentas -abortos,  
458 infanticídios. Os tratados de teologia moral declaram, por alto, as causas das reservas: "Aos nossos Santos Padres  
459 pareceu ser de suma importância à disciplina do povo cristão, que certos crimes mais atrozes e graves não fossem  
460 absolvidos por quaisquer, mas somente pelos Sumos Sacerdotes" (ARAÚJO, 1853, t. II, pp. 2-46).

461 As observações contidas nas fontes, embora lacunares, permitem a reconstrução do papel © 2022 Global  
462 Journals Volume XXII Issue VI Version I 45 ( ) estratégico do pecado como poderoso meio de controle social. O  
463 conteúdo sociológico de uma história dessa natureza demonstra que, embora vigorasse a aceção de serem todos  
464 os homens pecadores, eram os casos mais discrepantes e que ocorriam em grupos subalternos que acabaram por  
465 ser registrados. O pecado e a culpa, submetidos à penitência e ao perdão, conferiram à Igreja o domínio sobre a  
466 sociedade brasileira e, aos estudiosos, a possibilidade de ouvir, mediada embora pela linguagem burocrática das  
467 autoridades, as vozes de pessoas integrantes de grupos excluídos (CAMPOS, 1992).

## 7 IV.

## 8 Conclusão

470 A abordagem da vida íntima do homem, na duração do passado histórico, é tarefa urgente, mas complexa. É a  
471 isso que se refere Jean-Louis Flandrin, um dos grandes especialistas do assunto, ao observar que a idéia segundo a  
472 qual nós temos dificuldades particulares sobre o plano sexual e que elas são imputáveis à nossa moral tradicional,  
473 de essência cristã, tornou-se muito expandida entre os ocidentais de hoje; desse modo há qualquer coisa de ilógico  
474 em escutar com tanta atenção o passado dos indivíduos submetidos à cura psicanalítica e tão pouco sobre seu  
475 passado coletivo. Tarefa, ao que parece, ser incumbência dos historiadores, que, em sua maioria, concordam em

---

476 reconhecer a existência e o vigor dos temas de austeridade sexual numa sociedade em que os contemporâneos  
477 descreviam, frequentemente para reprovar, a imoralidade e os costumes dissolutos.

478 A desconfiança da cultura ocidental quanto aos prazeres, a insistência a respeito dos efeitos de seu abuso para  
479 o corpo e a alma, a valorização do casamento e das obrigações conjugais, a severidade das normas sobre o uso  
480 legítimo do sexo testemunham o poder da Igreja e do Estado sobre o corpo humano. Se considerarmos apenas  
481 os textos que falam desses temas e os lugares que lhes eram conferidos, evidencia-se que se tornou cada vez mais  
482 insistente a inquietação sobre os prazeres sexuais, quanto à relação e o uso que se pode ter com eles, com os intuitos  
483 declarados de moralização de costumes e de proteção do casamento e da família, efetuados de modo mais ou menos  
484 autoritário pelo poder político. A substância do prazer sexual, como força ética, é da ordem da força contra a qual  
485 o indivíduo precisa lutar. No passado, essa luta se passava, necessariamente, nos subterrâneos sociais, ao qual  
486 estavam relegados os loucos, pobres, homossexuais, sodomitas, onanistas, impotentes, blasfemadores, alquimistas,  
487 que viviam "o drama estranho e desconhecido de todos aqueles que, em razão de uma sexualidade reputada como  
488 falha", eram condenados a pagar o resgate do mito heterossexual, monogâmico e perene dos deveres inscritos no  
489 toro conjugal.

490 A redução do ato sexual ao estado de conceito jurídico talvez possa ser visto na qualidade de preâmbulo à  
491 reação canônica do século XX. Desde o início do século, a consumação/não consumação, a potência/impotência  
492 relacionadas ao dever conjugal integraram-se a uma rede complexa e densa de definições, que provocou, por  
493 sua vez, a sondagem, análise e dissecação da vida sexual, a fim de fornecer à Igreja fundamentos sólidos de  
494 intervenção, de controle e de pressão sobre a vida individual e coletiva da população.

495 No Brasil, as relações entre marido e mulher e dos pais com seus filhos subordinavam-se ao poder do chefe.  
496 Poder exercido despoticamente, sob o império da lei. Monarquia masculina, de direito divino, muito bem expressa  
497 por Capistrano de Abreu, numa visão concisa da sociologia de família: "pai soturno, mulher submissa, filhos  
498 aterrados". A poligamia masculina apresentava-se profusa e profundamente arraigada nas práticas sociais, em  
499 especial para os estamentos mais altos, que podiam dispor de um poder quase ilimitado quanto ao corpo e à alma  
500 de seus subordinados. A documentação escreve a sua história, dificilmente conformada aos modelos importados  
501 da Europa, que se impuseram no Brasil, como observa Sérgio Buarque de Holanda, não com a consistência do  
502 ferro, mas com a consistência do couro.

503 A literatura sagrada e a profana traçam uma tipologia das transgressões cometidas no Brasil, entre as quais  
504 avultam as da carne, nas cartas jesuíticas, nas crônicas de naufragos ou viajantes. No entanto, o dossiê do  
505 pecado repousa especialmente em arquivos eclesiais, concentrando-se nas pastorais, nos manuais de teologia  
506 moral, nos autos de devassa e róis de desobriga da quaresma, além dos processos do Santo Ofício, indicando  
507 comportamentos que deveriam ser atalhados pela Igreja. Na medida em que prosseguimos na análise dessas  
508 fontes, vamos nos convencendo de que boa parte da população se mantinha distante da pauta sexual prescrita  
509 para o amor e a sexualidade, concedendo ao desejo um lugar privilegiado no combate mais do que milenar do  
510 homem contra o preconceito e a desigualdade. A "pastoral do medo", embora vencida pelos movimentos de  
511 luta contra preconceitos sobre o amor e a sexualidade no campo da legislação secular e, em parte, também da  
eclesiástica, continua atuante no cotidiano patriarcal e falocrático da sociedade brasileira.

Figure 1:



- 513 [Processo De and Divórcio (ed.)] , Processo De , Divórcio . Francisco Álvares de Andrade e Maria Jacintha Vieira  
514 (ed.) Moji-Mirim, 1821. Ms.
- 515 [Processo De Nulidade and Matrimonial] , Processo De Nulidade , Matrimonial . João Duarte do Rego e  
516 Manoella de Godoy. Itu, 1804. Ms
- 517 [Wikipédia. A Enciclopédia Livre et al.] , Wikipédia. A Enciclopédia Livre , Onan , Disponível . <<https://en.wikipedia.org/wiki/Onan>>. Acesso: 17 de junho de 2021
- 519 [Delumeau et al. ()] , Jean Delumeau , Cristianismo , Morrer . 1978. Tradução de Michael de Campos. Lisboa:  
520 Livr. Gertrand
- 521 [Certeau and Escrita Da História ()] , Michel Certeau , Escrita Da História . 1982. Tradução de Maria de Lourdes  
522 Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária
- 523 [Siqueira and Aparecida De ()] *A inquisição portuguesa e a sociedade colonial*, Sônia Siqueira , Aparecida De .  
524 1978. São Paulo: Ática.
- 525 [Lisboa and Lisboa] ‘Almanach Litterario de São Paulo para o Anno de 1881, 6.º Anno’. José Maria Lisboa ,  
526 Lisboa . *Typ. Da "Provincia" -Rua da Imperatriz*, (São Paulo) 44 p. 1880.
- 527 [Duby ()] *Ano 1000 ano 2000: na pista de nossos medos*, Georges Duby . 1998. (São Paulo: Fundação Editora  
528 da UNESP)
- 529 [Gregório De Matos] *Ao Padre Damaso da Sylva Parente do Poeta, e seu oposito, homem desbocado e presunçoso*  
530 *com grandes impulsos de ser vigário, sendo por algum tempo em Nossa Senhora do Loreto*, Gregório De Matos  
531 . v. II, Salvador. Universitária/ Rio de Janeiro: Gráfica Editora (Obras completas de Gregório de Matos. s/d)
- 532 [Freyre ()] *Casa-grande & senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, Gilberto  
533 Freyre . 1961. Rio de Janeiro: José Olympio. (10ª. ed.)
- 534 [Flandrin and France ()] *Collection Questions d'histoire, dirigée par Marc Ferro*, Jean-Louis Flandrin , France .  
535 1970.
- 536 [Delumeau and Le ()] Jean Delumeau , Le . *La culpabilisation en Occident. XIII e -XVIII e siècles*, (Paris) 1983.  
537 Fayard.
- 538 [Vincent-Buffault ()] *Do pudor à aridez da história das lágrimas*, Anne Vincent-Buffault . 1988. São Paulo: Paz  
539 e Terra.
- 540 [Seixas and Antonio] *Ensaio d'um tratado regular e prático sobre o divórcio segundo o direito canônico, sinodal*  
541 *e civil brasileiro, pelo advogado Romualdo Antonio Seixas. 2.ª ed. Bahia: Lithotypographia de João Gonçalves*  
542 *Trouinho*, Romualdo Seixas , Antonio . p. 1880.
- 543 [Darmon ()] ‘Le Tribunal de L'Impuissance. Virilité et défaillances conjugales dans l'ancienne France’. Pierre  
544 Darmon . *Éd. du Seuil* 1979.
- 545 [Campos and Lobo De Arruda ()] ‘O pecado de cada um: devassas e desobrigas na capitania de São Paulo’.  
546 Alzira Campos , Lobo De Arruda . *Revista História* 1992. 11 p. .
- 547 [Prado et al. ()] Paulo Prado , Retrato Do Brasil , São Paulo . *Companhia das Letras*, 1997.
- 548 [Bahia] ‘Sebastião Monteiro da Vide, bispo do dito Arcebispado, e do Conselho de sua Magestade: propostas e  
549 aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de junho do ano de 1707. Impressas em  
550 Lisboa no ano de 1719, e em Coimbra em 1720 com todas as Licenças necessárias, e ora reimpressas nesta  
551 Capital’. *Constituições Primeiras Do Arcebispado Da Bahia . SP* p. 1853. na Typografia 2 de Dezembro de  
552 Antonio Louzada Antunes
- 553 [Reich ()] *Tradução de Ary Blaustein*, Wilhelm Reich . 1966. Círculo do Livro. Rio de Janeiro: Editora Guanabara
- 554 [Flandrin et al. ()] ‘Évolution des attitudes et des comportements’. Jean-Louis Flandrin , Le , Occident . *Paris:*  
555 *Éd. du Seuil* 1981.